

# Tarifas nos EUA e China preocupam setor do aço

Brasil ocupa 9ª posição entre os maiores produtores globais, tendo atingido, em 2024, 33,7 milhões de toneladas

## / INDÚSTRIA

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

A indústria brasileira do aço enfrenta atualmente desafios em duas frentes, nos cenários interno e externo. Uma das dificuldades apresentadas ao segmento foi a confirmação nesta semana da elevação das tarifas sobre importações de aço e de alumínio dos Estados Unidos para 25%. E, por outro lado, as vendas do material estrangeiro que entra no Brasil, especialmente da China, é mais uma preocupação.

Em 2024, as exportações da China totalizaram 110,7 milhões de toneladas de aço, 17% a mais do que no ano anterior. O mercado brasileiro absorveu em torno de 3,7 milhões de toneladas desse volume. O CEO da ArcelorMittal Aços Planos para a América

Latina, Jorge Luiz de Oliveira, enfatiza que o Brasil, no Ocidente, é a nação que mais recebe aço chinês. “Com ou sem as medidas dos Estados Unidos, o Brasil precisa de defesa comercial para permitir que o empresariado, de uma forma geral, continue investindo”, sustenta o executivo.

Oliveira, que em abril também assumirá o cargo de presidente da ArcelorMittal Brasil, ressalta que o setor da indústria produtora de aço no País investe regularmente de R\$ 12 bilhões a R\$ 13 bilhões, por ano. Conforme ele, a produção global de aço bruto atingiu cerca de 1,88 bilhão de toneladas em 2024 (queda de 1% em comparação a 2023). O Brasil permanece ocupando a 9ª posição entre os maiores produtores do globo, tendo atingido no ano passado um resultado de cerca de 33,7 milhões de toneladas, um incremento de 5% em relação ao

período anterior.

Para Oliveira, o governo precisa adotar medidas protetivas para não causar uma desindustrialização do segmento do aço nacional e de outros setores no cenário interno. Já no ambiente externo, ele espera que a negociação do governo federal com o dos Estados Unidos possa alcançar um equilíbrio na relação comercial entre as duas partes. O executivo salienta que, apesar das iniciativas implementadas pelos Estados Unidos, os norte-americanos são importadores de aço, tendo adquirido no exterior em torno de 26 milhões de toneladas no ano passado, representando mais de 30% do seu consumo.

O integrante da ArcelorMittal foi o palestrante nesta quinta-feira da reunião-almoço da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS), realizada no POA



CEO da ArcelorMittal Aços Planos para América Latina palestrou na Capital

Innovation Center, na capital gaúcha. Na ocasião, o presidente da AARS, Eduardo Zanotti, também afirmou que espera que o governo federal negocie com os Estados Unidos alguma espécie de cota para as exportações bra-

sileiras de aço para aquele país. “Mas, para efeitos no Rio Grande do Sul, como a questão está baseada na indústria siderúrgica, a gente não está vendo nenhum impacto nesse momento”, diz o presidente da AARS.

## CEO da Gerdau espera medidas de proteção do governo

O presidente-executivo da Gerdau, Gustavo Werneck, disse esperar que o governo Lula (PT) adote novas medidas contra a importação de aço no Brasil, no que ele chamou de “defesa comercial”.

Em cerimônia da siderúrgica com o presidente e outras autoridades na última terça-feira em Ouro Branco (MG), a companhia anunciou R\$ 1,5 bilhão em investimentos para a expansão da produção de bobinas a quente na fábrica local. O vice-presidente, Geraldo Alckmin (PSB), que também ocupa o cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), estava na cerimônia na planta da Gerdau.

“Eu estou muito confiante que depois do que a gente fez aqui

hoje, o governo vai implantar novas medidas, um pouco mais duras, para impedir esse volume enorme de aço que entra no Brasil de forma desleal, em uma competição totalmente sem isonomia”, disse Werneck em entrevista a jornalistas no local.

Em abril do ano passado, o governo estabeleceu cotas para a importação de aço e aumentou para 25% o Imposto de Importação sobre o volume excedente.

A decisão, que atendeu a um pedido da indústria siderúrgica nacional contra a importação de aço chinês no País, tem validade até maio deste ano.

Questionado sobre as medidas em discussão e sobre a renovação ou não das cotas de impor-

tação, o Mdic disse que ainda não há uma definição sobre o tema. Werneck afirmou que o governo tem estado aberto ao diálogo e que há várias possibilidades em discussão. Entre elas, estão o aumento na tarifa de importação ou o fim das cotas, que garantem taxas mais baixas, para determinar o imposto de 25% para todo o aço que entra no País.

“Esse aço (importado) chega a um valor muito menor do que o nosso custo de produção. Por mais que a Gerdau tenha buscado um nível de competitividade nunca visto nestes 124 anos, é impossível a gente competir com aço que chega de forma desleal”, disse o executivo.

Segundo ele, a participação de aço importado no mercado nacional atingiu uma faixa de 25%, diante de um patamar que era de 11% em níveis históricos.

Sobre as tarifas impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre aço e alumínio, o executivo da companhia disse que elas são positivas para a companhia, já que a empresa tem produção local no país norte-americano.

“Para nós, toda a defesa comercial que os Estados Unidos têm colocado, não de agora, mas já há alguns anos, tem sido muito positiva para os nossos negócios”, afirmou Werneck.

## Conselho de administração da Petrobras terá troca de cadeira

### / ESTATAIS

O governo fará uma alteração no conselho de administração da Petrobras em assembleia agendada para 16 de abril. O engenheiro José Fernando Coura deve substituir Vitor Saback, secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do MME (Ministério de Minas e Energia).

Inicialmente, a assembleia não trataria de renovação do conselho atual, eleito em 2024 com mandato de dois anos, mas a renúncia do conselheiro independente Marcelo Gasparino forçou a estatal a convocar uma nova eleição para oito dos 11 membros do colegiado.

Eles foram eleitos pelo sistema de voto múltiplo, no qual os acionistas depositam votos em candidatos isolados, e não em uma chapa. Estão na lista todos os conselheiros indicados pelo governo e o banqueiro Juca Abdalla, além da vaga de Gasparino.

O governo tem hoje seis representantes no conselho. A lista para a eleição mantém cinco deles, incluindo o presidente do conselho e secretário de Petróleo e Gás do MME, Pietro Mendes, que foi indicado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a uma diretoria da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis).

A nomeação de Mendes para a ANP depende ainda de aprovação no Senado e enfrenta resistência do presidente da Casa, Davi Alcolumbre, desafeto do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, padrinho do presidente do conselho da Petrobras.

Saback, também secretário de Silveira, é cotado para um cargo na estatal. Assim como Mendes, foi alvo de processo da CVM (Comissão de Valores Mobiliários) sobre abuso de poder do governo ao nomear conselheiros questionados por órgãos internos de governança. Os dois e a União foram absolvidos.

Seu substituto, José Fernando Coura, tem histórico no setor de mineração, com passagem por empresas como Caemi e Companhia de Cimento Portland Itaú.

Atuou na Secretaria de Minas e Energia do governo de Minas Gerais, foi diretor da Fiemg (Federação das Indústrias de Minas Gerais) e comandou o Ibram (Instituto Brasileiro de Mineração), associação que representa mineradoras com interesses no país.

Além dos seis representantes indicados pelo governo, o conselho de administração da Petrobras tem hoje três representantes de acionistas minoritários e uma conselheira eleita pelos trabalhadores.



Participação de aço importado no mercado nacional atingiu 25%, diz Werneck